

E quando a cura vem da mata? Em forma de planta e em forma de bicho! Um olhar antropológico sobre a Medicina tradicional dos Pitaguary de Monguba, suas técnicas e seus rituais.¹

Cinthia Moreira de Carvalho Kagan, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar / Sorbonne Nouvelle, Paris 3 - Institut des Hautes Etudes en Amérique Latine - IHEAL.

Resumo:

Desejamos observar como as diferentes gerações dos índios Pitaguary de Monguba se apropriam da medicina, onde a cura pelas plantas e pelos animais é praticada simultaneamente aos calendários de vacinação e aos tensiômetros do posto de saúde indígena. Pretendemos aquinhoar nossa experiência vivenciada no campo para retratar as técnicas amiúde utilizadas, assim como os rituais de cura que usam animais e plantas.

Pretendemos relatar neste artigo o uso da medicina tradicional, da mesma forma como são elaboradas as bulas de medicamento do sistema de saúde ocidental, composição, posologia e efeitos, tornando mais metódica a compreensão. De forma simples, almejamos expor as citações indígenas e o ponto de vista desses atores quanto à medicina elaborada e praticada. Para isto, explanaremos de que se compõe o laboratório, ou seja, qual é a matéria prima à disposição destes índios no que diz respeito à fauna e flora e à transformação da natureza existente em medicamentos.

Palavras-chave: Medicina tradicional, animais e plantas, índios Pitaguary (CE).

Introdução:

No solamente la enfermedad es algo culturalmente adquirido, de manera que un mismo fenómeno no es necesariamente vivido de la misma forma por una mujer maya y una mujer latina, incluso si ambas viven en el mismo pueblo (...) Nosotros creemos que es imposible en realidad formular una definición universal de la enfermedad. Brunelli (1989:95).

¹Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de Agosto de 2014, Natal/RN

Segundo os Pitaguary, a “medicina tradicional” também chamada “dos troncos velhos”², “dos antigos”, é uma “prática” que propicia saúde, previne e trata doenças, sejam elas de natureza física ou mental. A mesma é formada pelo saber empírico destes índios, e existe paralelamente a outro tipo de conhecimento científico, o qual definimos como o saber ocidental. Em se tratando dos Pitaguary de Monguba (Pacatuba-CE), a saúde é vista como “um estado natural; é a própria vida que precisa ser mantida”. A saúde e a doença se constroem a partir de relações sociais e de relações com a natureza: “quando o meio ambiente tá bem, o corpo ta bem e a cabeça também”.

Para manutenção da saúde, os Pitaguary recorrem à sua medicina tradicional e destarte, dentro desse contexto, se sobressaem algumas figuras locais, como o xamã, localmente chamado de “Pajé”, que tem como função manter um equilíbrio do bem-estar através de rezas e de “remédios” à base de plantas e animais; as “rezadeiras”³, que combatem as “doenças do corpo e da alma” e, por fim, as pessoas que através de ervas medicinais fabricam os “lambedores” (mel medicinal para ingestão) e as “garrafadas” (Infusão utilizada tanto para ingestão quanto para o banho), ainda muito utilizados pelos índios. O povo Pitaguary conta também com um Posto de Saúde indígena – PSI – no próprio povoado de Monguba; entretanto, segundo relatos dos próprios índios, a existência do mesmo não invalida o interesse pela sua medicina tradicional.

No decorrer deste artigo, desejamos responder a seguinte questão: como os Pitaguary lidam hoje com a prática simultânea de dois tipos de saberes distintos – o saber da medicina ocidental e aquele tradicional (de transmissão oral no seio duma comunidade) – que a priori se excluem?

No intuito de responder esta questão, apresentaremos o povo Pitaguary, descreveremos as técnicas e práticas de curas tradicionais que envolvem plantas e animais, e a quem se destinam. Em seguida, mostraremos como os índios se relacionam com o posto de saúde indígena, para demonstrar que para estas pessoas, as duas medicinas são pensadas como complementares.

1- O povo Pitaguary

² Os Pitaguary referem-se aos troncos velhos quando falam dos mais velhos, estando estes vivos ou mortos.

³ Rezadeiras, são as mulheres que aplicam as rezas de cura.

O povo indígena Pitaguary habita no pé da serra de Pacatuba, entre os municípios de Maracanaú, Pacatuba e Maranguape, situados na zona leste do Estado do Ceará, a 26 quilômetros da capital, Fortaleza. Em 2010, eles somavam 3.793 índios, declarados oficialmente pela Fundação Nacional da Saúde – FUNASA, numa área de 1.735 hectares (terra indígena Pitaguary em processo de demarcação física).

Na esfera política existem “lideranças tradicionais”, sendo o “cacique” e o “pajé,”⁴ os principais representantes da terra indígena, seguidos de novas lideranças jovens. Oficialmente as decisões políticas são tomadas em consenso nas reuniões mensais dos conselhos – o Conselho Indígena Pitaguary - COIPY e o Conselho Indígena do Pitaguary de Monguba - COIPYM.

A economia do grupo gira essencialmente em torno da agricultura familiar (milho, feijão e outros cultivos) e da criação de animais para consumo próprio, além da pesca e da caça. A criação de pequenos animais para consumo próprio é observada frequentemente. Galinhas, perus, capotes, entre outros, se encontram espalhados nos terrenos dos donos, na vizinhança e nos pequenos caminhos de terra entre as residências. Esses animais são consumidos quotidianamente pelos Pitaguary, uma vez que a carne de caça não supre a integralidade da dieta alimentar. Nota-se a introdução de projetos de criação de porcos nas terras de Santo Antônio e a criação de gado no Olho d’Água⁵. Esses animais são raramente consumidos pelos índios, sendo destinados primordialmente, à venda para o abastecimento do município vizinho, Maracanaú. Diferentemente dos Karitiana⁶ (Velden, 2012), a criação de animais de grande porte, como vacas e, de médio porte, como cabras e porcos, pelos Pitaguary, prospera e se multiplica.

As mulheres e alguns homens fabricam também artesanato (colares, panelas, pratos, colheres de madeira, espetos etc.), utilizando como matéria-prima sementes, barro e madeira. Em menor número existem indivíduos Pitaguary que possuem cargos públicos dentro da área indígena, como é o caso das agentes de saúde, dos motoristas de ambulância, dos funcionários das escolas diferenciadas e do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Outros exercem empregos formais e atividades informais nas zonas urbanas de Maracanaú e Fortaleza.

⁴ Cacique é o líder político e Pajé o líder espiritual da aldeia Pitaguary (que engloba os sete povoados da TI Pitaguary entre os quais, Monguba).

⁵Sto Antônio e Olho d’Água: são outros povoados da TI Pitaguary.

⁶ Povo indígena de Rondônia, Amazônia.

O povo Pitaguary conta com três escolas diferenciadas de ensino infantil e médio⁷ e participam de um magistério superior para formação de professores indígenas originários de quatro povos⁸.

O ritual indígena mais conhecido e valorizado localmente é a roda do toré. Começa pelo Pai nosso e, em seguida, os participantes cantam o toré para agradecer ao Deus Tupã, ao som de tambores.

Os três principais “lugares sagrados” do povo Pitaguary são: a “Mangueira Sagrada” que, segundo os índios, era utilizada como lugar de tortura pelos fazendeiros; o “buraco de Santo Antônio”, que segundo eles, servia de refúgio à imagem de Santo Antônio que “por magia desaparecia da Igreja local e reaparecia dentro desse buraco” e, por fim, a “Pedra da Torre, que abriga a princesa Lindalva, que “encanta” as pessoas que por dentro das pedras passam.

Fazem parte dos mitos Pitaguary, animais como os cães e cobras, assim como alguns seres “encantados da natureza”, como a Mãe d’Água, a Princesa Lindalva e a Caipora, que é a dona das matas e responsável por um bom ou mau retorno das caçadas. A coexistência entre estes seres e os Pitaguary, resultam em ações conjuntas e saberes compartilhados sobre o meio ambiente.

Nossa experiência etnológica com os índios Pitaguary de Monguba vem do trabalho de tese de doutorado sobre a relação dessa população indígena com os animais domésticos, em especial o cão. Porém, no decorrer das visitas, as entrevistas e a submersão no cotidiano Pitaguary trouxeram à tona três fortes aspectos da relação destes índios com os animais.

O primeiro e ponto central da minha tese é a formação de uma “comunidade híbrida”, tal como definido pelo filósofo Dominique Lestel (2007) - sociedade essa cuja relação de colaboração entre homens e animais se sobrepõe à relação de dominação entendida como determinante no processo de domesticação/familiarização - que trata da existência de laços interespecíficos no seio do convívio social, no qual tanto o humano quanto o animal, ocupam posição de sujeito.

O segundo é o da alimentação, que é composta por frutas, feculentos, leite, ovos, massas e carnes⁹. Uma caça ou uma pescaria que resulta em bons resultados, ultrapassa

⁷A escola em Chuí, localizada no Horto; Santo Antônio, localizada em Santo Antônio dos Pitaguary e Itara, localizada em Monguba.

⁸MISI-PITAKAJA (Magistério Indígena Superior Intercultural dos povos Pitaguary, Tabeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé), coordenado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, que se iniciou em 2010.

o simples “comer”, uma vez que ambas são compartilhadas socialmente e coletivamente, o que nos remete à ideia de Hugh-Jones (1996) segundo a qual, a carne produz um “*cimento intracomunitário*”:

O terceiro aspecto e que será explorado neste artigo, é a utilização de boa parte dos animais nos processos de cura, ou seja, a transformação de partes do corpo do animal em remédios/medicamentos (carne, couros, unhas, penas, banha, pêlos, dentes etc.), ou a própria participação do animal ou parte dele (por exemplo, uma pata, um talismã, um artefato ritual), enquanto ator na prática ritual.

2- E quando a cura vem dos animais ?

A terra indígena Pitaguary encontra-se numa zona serrana de variada fauna e flora. Segundo o Estudo Etnoecológico executado pela CONSLAN em 2005, o território dos índios Pitaguary é habitado por uma variada fauna terrestre, aérea (avifauna) e aquática, e por uma expressiva herpetofauna. Dentre os animais terrestres pode-se encontrar: caititu, cangambá, furão, gato do mato, guaxinim, macaco-prego, mico, mocó, onça, preá, quati, raposa, saguí, saruê, tamanduá-mirim, tatu-bola, tatu-peba, veado catingueiro, punaré. A avifauna é composta por: rolinha coca, rolinha azul, avoante, azulão, beija-flor, anambu, carão, canário da terra, codorniz, urubu, galo campina, juriti, maracanã, papagaio verdadeiro, periquito da caatinga, pintassilgo do nordeste e seriema. São citados como representantes da fauna aquática: corvina, curimatã, curimatã comum, cará tilápia, piau verdadeiro, piau, pirambeba, tucunaré comum, traíra, cangati, bodo, muçum, piaba e paibuçu. Compõem a herpetofauna: coral, jibóia, cobra de cipó, falsa coral, cascavel, jararaca, teiú, iguana, calango verde, cágado e lagartixa de lajeiro. A maioria dos animais presentes no meio ambiente Pitaguary é transformada em remédios tradicionais frequentemente usados pelos índios, como veremos na tabela 1.

Certos animais domésticos, como o cachorro (cf. Tabela 1), servem igualmente, como matéria prima para fabricação de remédios tradicionais. Notamos que esses animais domésticos são também tratados pela medicina tradicional (com plantas e com bichos).

⁹dentre estas carnes, encontramos boi, carneiro, porco, cabra, galinha, peru, tatu, veado, tamanduá etc.).

Outra técnica que os índios nos relatam é a do armazenamento da matéria animal para futuras preparações medicamentosas: “*a banha do cassaco eu sempre guardo para uma necessidade*”. (Pajé Barbosa); “*tá vendo essa aranha morta? Vou guardar pra se um dia eu precisar!*” (Alex Pitaguary); “*a banha do tejo é boa pra garganta. Torra ela com um dentinho de alho, três gotinhas de limão e toma. Também é boa pro ouvido. Esquentar, bota no algodão...ela é tão forte, que até estourar estoura se for preciso! Os meninos andaram matando um bem “gordo” na serra e eu pedi pra eles guardarem a banha pra mim, assim no dia que eu precisar pra fazer um remédio, tem!*” (Dona Júlia)

Em se tratando da produção de medicamento e rituais com animais, Pajé Barbosa, figura emblemática, é referência em todos os níveis, seja político, social e de remédios tradicionais. Ele sempre ressalta o elo entre o corpo, a alma e a natureza, e nos explica que tudo faz “*teia de aranha*”. O pajé concebe a espiritualidade como um dom e somente as poucas pessoas que o possuem, vieram ao mundo com a missão de ajudar e curar quem precisa. Este aspecto não é exclusivo Pitaguary, encontramos esta concepção amplamente difundida nas práticas e rituais xamânicos da Amazônia e Nordeste do Brasil (Lira, 1946 ; Galvão, 1976 ; Maués, 1990 etc.)

Na intenção de fazê-lo participar o máximo possível deste trabalho, desejamos utilizar o maior número de dados que nos foram fornecidos pelo povo estudado e, para melhor exemplificar, exporemos abaixo, de forma sucinta, algumas das curas e dos rituais praticados pelo pajé pitaguary:

Tabela 1 – Alguns exemplos da farmacopéia Pitaguary (animais)

Animal	Composição	Posologia	Efeito
Cachorro	Fezes	tomar o chá das fezes (transformadas em pó)	cura da coqueluche
Cachorro	Saliva	deixar o cachorro lambe as feridas	cicatrização
O cachorro: como ressalta Francilene Pitaguary, é “ <i>terapêutico</i> ”: “quando a gente chega em casa abusado ou triste com alguma coisa, só em olhar pra ele, brincar ou alisar ele, a gente já melhora!”. O cachorro detecta inflamações no corpo sejam estas já declaradas ou ainda em incubação: “Se ele cheirar muito um lugar, é porque a inflamação está lá.”			
Gato	Carne	comer a carne	cura para a lepra
Urubu e canção	Fígado do urubu (torrado e transformado em pó).	Misturar o pó na comida do doente	Cura do alcooolismo.

Dar os restos da comida do enfermo para o urubu e o canção, que a doença vai embora com eles, ou com a morte deles.			
Cururu	Banha	Passar sobre a pele e a garganta.	Desencrava cabelo e cicatriza garganta inflamada.
Segundo Liduina Pitaguary, passar a barriga do Cururu sobre queimaduras alivia a dor e evita as bolhas.			
Cabra e carneiro	Banha	Passar sobre as articulações.	Cura do reumatismo (“dor nas juntas”).
O cinturão da cobra de veado, segundo Pajé Barbosa, serve para tratar reumatismo.			
Mucura e Cassaco	Banha	Passar sobre os membros com sequelas de trombose.	Serve para diminuir as sequelas de uma trombose.
Boi e Peixe	Banha e medula óssea.	Esquentar a banha (e a medula), e pingar algumas gotinhas no ouvido.	Servem para dor de ouvido (otite).
Cobra	Pele	Esfregar a pele do animal sobre tumores.	Ela ajuda a estourar tumor.
Morcego-mirim, besourinho do amendoim e calango tijibu.	Animal inteiro torrado e transformado em pó.	Misturar dentro da comida.	Tratamento contra crises de asma.
Aruá e lesma branca de coqueiro.	As ovas do aruá e a lesma inteira.	Faz-se o chá e o bebe várias vezes por dia nos períodos de crise.	Age contra o cansaço.
Veado	Fezes	Come-se três bolinhas de fezes.	Evita e/ou cura a conjuntivite.
Peba e camaleão	Banha	Ingerir a banha.	Fecha as hérnias.
Pombo	Carne	Torra a carne e come.	Acaba com as náuseas das mulheres gestantes.
Galinha	Banha com romã, mel e limão.	Você pode beber e aplicar localmente.	Cura a inflamação da garganta.
Beija-flor	Coração do adulto.	Engolir o coração inteiro.	Melhora a vista e ajuda na pontaria.
Filhote de Beija-flor	Filhotes inteiros.	Comer os filhotes.	Ajuda no equilíbrio (e a ser bom Dançarino).
Fazer o chá com as ervas do ninho ajudam contra o cansaço			

3- Rituais de cura que usam animais, praticados pelos Pitaguary:

Segundo Lévi-Strauss¹⁰ (1974 [1958]), a eficácia das curas pelos rituais organiza seu alicerce em três dimensões: primeiro na fé do curandeiro (que no caso dos Pitaguary de Monguba, é o pajé) nele mesmo e nas técnicas que ele utiliza, na fé do enfermo sobre o pajé e, por fim, a crença da opinião coletiva sobre a eficácia da técnica utilizada que confirmará o poder do pajé.

Percebemos durante nossa estada no povoado de Monguba, que durante o dia, várias pessoas vinham “conversar” com o pajé sobre diversos “problemas” físicos e/ou espirituais, na esperança de que este lhes apontasse uma solução. E esta, podia ser através de remédios tradicionais fabricados pelo pajé, ou de forma ritual (reza, conselhos etc.).

O ritual da mangueira sagrada e a presença dos animais:

Tivemos a oportunidade de conversar com o Pajé sobre alguns rituais, como o da Mangueira Sagrada, de forte significado simbólico, (lembramos que essa mangueira servia de árvore de tortura pelos senhores) - que durante longo período ocuparam as terras indígenas lhes obrigando a participar das atividades agrícolas, sem que isso lhes rendesse nenhum tipo de benefício financeiro, simplesmente para que eles tivessem o direito de permanecer e habitar as terras onde sempre viveram, a terra dos “tronco velho” – Os índios eram amarrados no tronco dessa mangueira e eram chibateados, algumas vezes vindo a morrer de fome e de sede. No dia 12 de junho os Pitaguary se reúnem em torno dessa mangueira e passam a noite fazendo rituais de purificação e de homenagem aos índios que ali perderam a vida e, no decorrer da noite, o Pajé convida as pessoas a jogarem um galinho no fogo. Esse galinho, segundo o pajé, materializa todas as *coisas ruins*, os espíritos maus que nos cercam e uma vez queimado, se produz a liberação de todos os males. Nesse momento os índios se aproximam, lançam os galhos na fogueira e emitem sons animais. Distinguimos claramente o som da coruja, do veado, da raposa, da onça etc. Segundo o pajé, nesse momento liberamos o animal que temos dentro de nós e que nos fortalece. “*O nosso outro eu, o eu animal!*”

¹⁰ « Il n’y a donc pas de raison de mettre en doute l’efficacité de certaines pratiques magiques. Mais on voit, en même temps, que l’efficacité de la magie implique la croyance en la magie, et que celle-ci se présente sur trois aspects complémentaires : il y a, d’abord, la croyance du sorcier dans l’efficacité de ses techniques ; ensuite, celle du malade qu’il soigne, ou de la victime qu’il persécute, dans le pouvoir du sorcier lui-même ; enfin la confiance et les exigences de l’opinion collective, qui forment à chaque instant une sorte de champ de gravitation au sein duquel se définissent et se situent les relations entre le sorcier et ceux qu’il ensorcelle ». Lévi-Strauss, 1974 [1958] :192.

Percebemos assim, que os animais estão presentes nos rituais Pitaguary. São fortemente representados no imaginário desse povo, uma vez que o “devir animal” (CASTRO, 1998) é pensado e executado em rituais, seja em forma de gritos que vêm de dentro pra fora, ou de pinturas corporais. Entretanto, os animais também participam de forma material dos rituais.

Rituais que usam animais :

Os corpos dos animais, durante os rituais, são usados, queimados, sangrados e muitas vezes ingeridos durante as cerimônias. Dentre os rituais que usam animais, destacaremos os três que temos conhecimento:

- *O ritual do sacudido*: o sacrifício de um gato é oferecido em troca da cura de uma doença grave: pega-se o gato, o doente cospe na boca dele, depois ele é enterrado vivo e se faz uma fogueira precisamente em cima do lugar onde ele veio a ser enterrado. Essa fogueira tem que ser feita na sexta-feira santa, com os restos dos paus das fogueiras de São João, Santo Antônio e São Pedro e, segundo o Pajé Barbosa: *Quando tudo queima, queima a doença junto! A gente vai sacudir a vida em busca de coisas boas, vamos sacudir aquela vida no tempo com a esperança que Deus escute nosso clamor, nossos pedidos e é mesmo uma coisa muito fina que a gente faz e a gente tem conseguido muitas vitórias*. Este ritual é praticado raramente, somente em casos gravíssimos.

- *O ritual da misericórdia*: Um bicho de chifres é sangrado e oferecido em troca da união do grupo. *“Tem que ser no dia certo, na lua certa! Nós entendemos que a vida é muito importante e a gente sacrifica aquele animal no pensamento de trocar a vida daquele animal pela saúde, pela união, pelo abrimento de caminho, então a gente faz aquele ritual e a gente clama a Deus. A Helda veio aqui desesperada porque ia ter que amputar uma perna; nós fizemos o ritual, ela refez os exames e não tinha mais nada, ficou boazinha.”*

- *O ritual do quebra-perna*: *quebra as pernas do sapo, solta ele no rumo da lagoa e quando chega na lagoa as pernas dele estão boas novamente. Percebemos que este ritual é como um questionamento, se o sapo ao chegar à lagoa conseguir nadar “por milagre” a resposta ao pedido é positiva, no caso contrário a graça não será*

alcançada. Porém, segundo pajé Barbosa, o bicho sempre nada e as pernas sempre estão inteiras no momento do seu encontro com a água.

Como podemos observar, o paralelo entre doença e o sofrimento a que são submetidos os animais nestas práticas é analógico e composto por diversas ações que ultrapassam o estado físico do corpo.

Decisões são tomadas, remédios produzidos e adaptados de forma integrante entre recursos naturais disponíveis e a necessidade de cada doente.

Comportamentos adquiridos ou instintivos, termos a princípio incompatíveis, mas que fazem o mais amplo sentido no cotidiano dessas práticas.

4 – E quando a cura vem das plantas?

Tratando-se da flora, ainda segundo o estudo da CONSPLAN (2005), é predominante de florestas estacionais semidecíduais e floresta ombrófila (aberta), que se estendem pelas serras de Maranguape e Aratanha, esta última mais ocupada por indígenas e mais conservada. Dentre as espécies nativas, destacam-se: o cajá (*Spondias mombin*), sucupira (*Bowdichia virgilioides*), murici das matas (*Byrsonima sericea*), araçá (*Psidium*), torém (*Cassia apoucouita*), mulungu (*Erythina*), Cedro (*Cedrella*), Maçaramduba, Jatobá (*Hymenaea*), Timbaúba Orelha de Negro, Orelha de Macaco (*Enterolobium*), Bacupari (*Theedia macrophylla*), Jenipapo (*Genipa americana*), Oiti (*Couepia glandiflora*), Guabiraba Braba (*Canyomanesia*), Gameleira (*Ficus*), Pitomba (*Talisia*), e palmáceas como o Coco Babão (*Syagrus oleracea*), Tucum (*Astrocaryum*), Carnaúba (*Copernicia cerífera*), Babaçu (*Attalea speciosa*) etc. Outra particularidade desta região é a fusão da vegetação serrana com a xófila, onde encontramos Mandacaru (*Cactaceae*), Cajueiros (*Anarcadium occidentale*), Aroeira (*Myracrodium urundeuva allemão*), Macambira (*Bromelia*), Juca (*Caesalpinia ferrea*), Sabia (*Mimosa caesalpiniaefolia*), Jurema e Jurema preta (*Mimosa*).

Com respeito à medicina tradicional, exporemos três pessoas em particular: Dona Julia, Dona Valdira e Dona Didi, procuradas constantemente pelos Pitaguary com este intuito¹¹.

¹¹ Porém não percebemos uma apelação distinta que ressalte a função de rezadeira.

Primeiramente é preciso diferenciar “as garrafadas” dos “lambedores”. Segundo estas três informantes, o lambedor seria uma mistura de plantas e raízes que são cozidas em fogo baixo, com açúcar, e o aspecto final é de um mel fino que pode ser conservado por aproximadamente duas semanas fora da geladeira e até um mês dentro da geladeira. Já as garrafadas também são misturas de plantas e raízes, escolhidas de acordo com a enfermidade. Assim como o lambedor, a garrafada é cozida por um longo período, mas não contém açúcar. Essas preparações são destinadas a pessoas enfermas, algumas mais propícias de serem curadas por garrafadas e outras por lambedores. Em alguns casos, são anexados a estes tratamentos, gorduras de animais (banhas), unhas etc.

Dona Júlia afirma que *tem lambedor pra tudo!* Ela se orgulha de dizer que uma das suas especialidades é o lambedor para gripe, para “*arrancar o catarro maligno*”.

“Hoje em dia é negócio de médico, médico praqui e médico pracolá; nem precisa. Com as plantas e os bichos, a gente pode curar tudo!” Segundo esta informante, quando ela era criança teve coqueluche e junto ao tratamento feito com o lambedor de arrancar o catarro maligno, tomava-se o chá de fezes de cachorro: *“pra coqueluche esse era o remédio, lambedor e chá da bosta do cachorro! Minha mãe rodava por aqui, por acolá e voltava com a bosta do cachorro bem alvinha! Pisava, fazia o chá e a pessoa vomitava todinha aquela baba e ficava boazinha!”*

Dona Valdira nos diz que, *“se tem algum doente, eu faço um chá, uma coisa, eu encontro os remédios por aqui. Se você bem pensar, todo pau, raiz, casca, folha que tem aqui, tudo é remédio!”*

Dona Didi nos relata que, *“Quando ficava doente tomava chá de pau! Pra mim aqueles remédios que os médico fazia era mijo podre”*.

Estes relatos nos revelam a memória do grupo no que diz respeito à medicina utilizada pelos troncos velhos. Acreditamos então, que a medicina tradicional, além de seus efeitos benéficos em termos de curas, possui um outro aspecto; ela imortaliza a voz dos ancestrais através dos saberes que foram transmitidos. Muitas são as histórias contadas e é com muito orgulho que estas informantes nos contam: *meu avô fazia remédio pra tudo! Meu pai rezava daqui e os animais ficavam bons na casa dos donos!*

Podemos então afirmar que a medicina tradicional alicerça a memória coletiva deste grupo. Cada mistura, cada garrafada, cada lambedor e chá, tem sua origem na experiência e na história de vida de alguém que fez parte do cotidiano do grupo. Exporemos abaixo (cf. Tabela 2) - assim como fizemos com os animais – um pequeno quadro com as receitas de garrafadas, lambedores e chás mais citadas por essas

mulheres, o que nos dá um sentimento de participar um pouco desta memória que nos foi compartilhada:

Tabela 2 - Alguns exemplos da farmacopéia Pitaguary (plantas)

Composição	Posologia	Efeito	Tipo de preparação
Cumaru + urucum + chanana, pepaconha + hortelã + malvarisco	Ingerir em jejum e um banho	Afinar o sangue	Garrafada
Arruda	Uso externo	Cicatrização de feridas	Sumo da folha
Angola	Ingerir	Dores, inclusive das cólicas menstruais	Chá
Burrinho (cinza feita de folhas)	Ingerir	Contra aborto (causado por susto)	Chá
Alho	Ingerir	Eliminação de vermes	Garrafada
Carrapateira	Ingerir	Vômito e náuseas	Óleo
Mastruz + óleo de riso	Ingerir	Eliminação de vermes	Lambedor
Cabeça de nêgo	Ingerir em jejum e um banho	Cura as doença de “barraca”, doenças venéreas	Garrafada
Castanhas	Ingerir	Cura a loucura humana e age contra as picadas de cobra.	Garrafada
Mamona	Ingerir	Febre	Chá
Girioba	Ingerir	Dores abdominais	Garrafada
Caroço de farinha	Ingerir	Resguardo quebrado	Chá
Fedegoso + mastruz	Ingerir	Inflamação nos ovários	Lambedor
Gergelim + hortelã + cebola branca + erva doce + cravo	Ingerir	Arrancar catarro “maligno”	Lambedor

5 – E quando as medicinas se completam: a influência da medicina tradicional no PSI.

Em relação a amparatos governamentais ligados a saúde, existe um Posto de Saúde Indígena - PSI anexado ao posto de saúde de Monguba. O quadro de

funcionários¹² é formado por: um clínico geral, duas enfermeiras e uma agente de saúde que participam do cotidiano dos Pitaguary e visitam os moradores. Percebemos também por parte desta agente, chamada Clécia Pitaguary, um incentivo à medicina indígena, onde muitas vezes ela indica aos moradores algumas ervas medicinais, chás ou garrafadas.

Nas visitas às residências, a agente de saúde faz o intermédio entre o posto de saúde e os pacientes, marca exames, pesa crianças, verifica o caderno de vacinação, aconselha as mulheres grávidas e acompanha de forma geral a vida destas pessoas. Acredito que a inclusão do PSI pelos índios se fez principalmente pelo fato de este entrar nas suas casas, na pessoa da agente de saúde. Quando necessário se faz, uma ambulância é mobilizada e transporta os pacientes para outros centros de saúde habilitados e preparados para cada caso em particular.

O PSI faz parte da realidade deste povo, que o visita regularmente para consultas de rotina e para buscar medicamentos, entretanto, a medicina tradicional é parte integrante da cultura e se entrelaça com os costumes ocidentais de saúde. Segundo Brunelli:

[...] debemos comprender también que la oposición entre la medicina occidental y las autóctonas existe como oposición entre dos sistemas, y esto no significa que ciertos elementos precisos no puedan intercambiarse de un sistema a otro. El caso más revelador es sin duda el del curandero oriental, que utiliza teorías y métodos tradicionales, para hacer su diagnóstico, pero lleva a veces un estetoscopio para subrayar el carácter científico de su trabajo. (BRUNELLI, 1989: 99-100)

A “*Ideia de continuum*” de Brunelli (1989), se encaixa perfeitamente na realidade Pitaguary, uma vez que estes índios – mesmo se a incidência de práticas tradicionais são frequentes - alternam como lhes convêm as duas medicinas. E isto funciona igualmente no que diz respeito ao médico do Posto de Saúde Indígena de Monguba, que na preocupação de se apropriar de um sistema diferenciado, está sempre disposto a escutar e a aceitar as formas alternativas de cura usadas pelos Pitaguary.

O Dr. Dirlinco Cavalcante Dias do PSI nos explica que, o calendário de vacinação, assim como certos tipos de vacinas são adaptados aos povos indígenas e a abordagem de certos tipos de doenças tem que ser tratada de forma diferenciada *para não causar assim estranheza nas pessoas*: “*Algumas vacinas que o ministério da saúde não faz de rotina para a população normal, os índios têm que fazer essas vacinas, até*

¹² O médico é o único funcionário de fora da TI.

mesmo por morarem numa área florestal, regularidade no número de vacinas, as consultas de crianças em puericultura, que em áreas não indígenas são feitas até um ano, na área indígena é feita até cinco anos, para manter esse contato mais próximo, mesmo”.

Em relação às consultas e às visitas domiciliares, ele explica que: *“Aqui a gente não tem data específica para as visitas. A agente de saúde quando é solicitada, é enviada para fazer a visita preliminar e fazer uma triagenzinha; esse mês eu já fui duas vezes, aqui tem o carro e quando precisa a gente se desloca”.*

O doutor Dirlinco Cavalcante Dias afirma que a qualidade no atendimento no PSI é superior à dos outros Postos de Saúde não indígenas, e isto, graças ao pequeno número de famílias atendidas: *“Antigamente eram umas 600 famílias; diminuiu muito, agora só são umas 200. Isto porque a população tinha um acordo com a FUNASA e SESAI, que tinha um período para os índios se alocarem nas áreas indígenas mesmo e quem queria continuar tendo o benefício, tinha que se instalar dentro da área. Não veio quem não quis. Aqui o atendimento é de muito mais qualidade, tem bem pouquinha gente.”*

Tratando-se das doenças diagnosticadas e tratadas neste posto indígena, as mais recorrentes, segundo o Dr. Dirlinco são: *“Como a população daqui que é quase uma população urbana, as doenças são as mais prevalentes, de uma maneira geral as da sociedade comum mesmo, hipertensão, diabetes, existe um índice muito alto de obesidade. No dia a dia são aquelas patologias comum, mesmo de qualquer unidade de saúde. A incidência de micose é altíssima. O contato com a larvas migras é comum. Eles têm contato direto com os cachorros, é muito comum cachorro e gato circularem dentro de casa de forma indiscriminada e eles têm contato, brincam, mexem; é muito maior a incidência disso aqui, que em todos os lugares que eu trabalhei. Tem a questão da educação, higiene básica, questão sanitária que aqui ainda não tem, pois muitas casas não têm banheiro. Outras doenças existentes, desta vez relacionadas à água, são as parasitoses e diarréicas, que eles sempre pegam. Mas agora a informação circula mais e essas doenças são menos intensas. Se todo posto funcionasse como funciona esse daqui, seria perfeito! Os outros têm até inveja!”*

No que diz respeito ao planejamento familiar, o médico afirma que a questão cultural ainda dificulta a apropriação deste procedimento por parte dos índios. Devido ao grande número de gravidez precoce entre adolescente na faixa de 15 e 16 anos, a aplicação do planejamento encontra resistência. Outro problema relatado pelo médico é o dos abortos clandestinos entre as adolescentes e senhoras. *“A questão do aborto não é*

bem disseminada entre eles. Já existiram casos de garrafadas para abortos subdiagnosticados, vão por um meio que não é permitido para depois serem atendidas.”

Outro problema que preocupa o médico é a forte incidência do alcoolismo e chegada das drogas entre os Pitaguary: *“o alcoolismo é um problema sério; a incidência é muito forte, como a da população urbana. E as drogas, que vêm com as pessoas de fora, que namoram com uma menina daqui, criando círculo com outros adolescentes, também suscitam minha atenção”*.

Outro grave problema que aumenta paulatinamente, é a depressão. A preocupação quanto a este aumento é compartilhada entre Dr. Dirlinco e Pajé Barbosa, como veremos na citação abaixo: *“A depressão está aumentando entre os índios, o que é também uma preocupação muito forte do Pajé Barbosa, que vem aqui às vezes e passa a tarde conversando comigo, sobre como pode ser evitada e curada essa doença”*.

Partimos do princípio que se atualmente este posto de saúde funciona, vem do fato de que tanto o médico quanto os índios se sentem integrados em ambos os sistemas, dentro do limite de cada realidade. Isto facilita o diálogo e a apropriação das práticas ocidentais por parte dos índios e de um olhar mais holístico por parte do clínico. Vemos também que não existe um conflito geracional. As medicinas se entrelaçam e são aplicadas por este povo para todas as idades, dependendo das conveniências.

Dona Didi nos conta que a mãe dela escapou de três AVC's, não ficando com seqüela de nenhum, porque imediatamente bebia as *gororobae* os *purgantes* feitos em casa: *”Feita de caroço de pião branco, com gergelim, com a mostarda e com o hortelã. Dava o remédio, pra depois levar pro médico! Puxava a língua dela e botava o remédio, aí quando ela chegava no médico, já tava melhor. Acontece de gente passar mal, com a pressão alta ou outra coisa grave, espera a hora de chegar no médico e só no tempo de espera, às vezes a pessoa morre.”*

Para Dona Narcisa, em caso de quebrante, primeiro se aplica o *procedimento contra quebrante* em casa e depois leva pro médico: *“Remédio pra quebrante, reza, passar por baixo de um homem suado três vezes, passa por debaixo de um cachorro aí passa pelo punho da rede e reza 9 rezas com ramo de vassourinha ou folha de pião. Pra cada quebrante tem um tipo de reza! Primeiro tem que usar o processo de quebrante imediatamente e depois leva pro médico. Muitas vezes gente morre por segundo, por falta de um cuidado em casa.”*

Quando nos deparamos com estes dois relatos vemos a dimensão da integração da medicina ocidental dentro da tradicional e vice-versa, o que nos leva a afirmar que a medicina ocidental não invalida os saberes tradicionais, mas os torna acessórios.

Conclusão:

A crença na cura física e espiritual pela medicina tradicional não se vê confrontada e diminuída pelos métodos ocidentais. A articulação e utilização destes dois sistemas é flagrante e a ideia de incompatibilidade é substituída por uma de complementariedade. Ressaltamos ainda, que se hoje a medicina ocidental faz parte da vida desses índios é devido ao fator integrativo de ela entrar em suas residências, materializada na pessoa da agente de saúde e dos outros profissionais do PSI que se deslocam e de certa forma participam e se preocupam com o bem-estar dos mesmos.

A medicina tradicional além do seu princípio de cura traz consigo a cultura de um povo, sua memória e nos mostra, de forma empírica, o elo desse povo com o meio ambiente em que vivem.

Animais e plantas são transformados em medicamentos e são também tratados pelas mesmas garrafadas, lambedores e rezas.

Homens, mulheres e crianças participam de uma ciranda geracional de transmissão e inclusão de saberes, estimulam práticas tradicionais e as integram nos seus cotidianos, as prescrições médicas ocidentais, o que nos leva a concluir que os dois sistemas medicinais se harmonizam no dia a dia dos índios Pitaguary.

Bibliografia:

BRUNELLI, Gilio. *De los espíritus à los microbios. Salud y sociedad en transformación entre los Zoróde la Amazonia Brasileña*. Colección 500 años, n°10. Abya-Yala Mlal. Montreal, 1989.

CABALLERO, Lucila Sallas, YAM SOSA M. B, TEC TUN, J. M. *Prácticas Médicas Mayas*. Colección Letras Mayas Contemporáneas 12. Instituto Nacional Indigenista. México, 1993.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Les Pronoms Cosmologiques et le Perspectivisme Amérindien*. In : Gilles Deleuze, *Une Vie Philosophique*. Paris, Les empêcheurs de penser en rond, Synthélaro, 1998.

GALVÃO, Eduardo, *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*, 2 ed., São Paulo, Cia Editora Nacional, 1976.

HUGH-JONES, Stephen. *De l'ambivalence de certains Amazoniens envers la consommation de viande*. Terrain – Revued'ethnologie de l'Europe, 26. Paris, 1996.

- LESTEL, Dominique. *Les origines animales de la culture*. Paris: Champs essais. Flammarion, 2001.
- _____. *Les Amis de mes amis*. Paris: Edition du Seuil, 2007.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Anthropologie Structurale*. Plon: Paris, 1974 [1958]
- LIRA, Jorge A. Farmacopea tradicional indígena y prácticas rituales. Lima-Peru, 1946.
- MAUÉS, Raymundo H., *A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*, Belém, UFPA, 1990.
- VANDER VELDEN, Felipe. *Inquietas companhias. Sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda, 2012.
- _____. “Sobre cães e índios: domesticidade, classificação zoológica e relação humano-animal entre os Karitiana na Amazônia Brasileira”. *Ava*, n°15, 2009, pp. 125-143.
- http://www.funasa.gov.br/internet/Bibli_estPesq.asp. Consultado em 17 fevereiro 2011.